Curso Online de Filosofia

Olavo de Carvalho

Aula 27
10 de outubro de 2010

[**versão provisória**]
Para uso exclusivo dos alunos do Curso Online de Filosofia.
O texto desta transcrição não foi revisto ou corrigido pelo autor.
Por favor não cite nem divulgue este material.

[COF20091010]

Boa tarde a todos. Sejam bem-vindos.

Hoje eu queria tocar em um tema mais materialmente filosófico. Ao longo deste ano nós estamos nos ocupando mais de questões técnicas e metodológicas, de pré-condições psicológicas e morais para o estudo da filosofia, mas de vez em quando é bom já ir colocando, aqui e ali, alguma questão filosófica mais substantiva.

Temos um texto específico para esta aula - cujo título provisório é "Unidade e Percepção" -, mas antes dele eu vou aproveitar uma pergunta que chegou. Considero-a tão altamente pertinente ao que direi em seguida que começarei por ela e depois passarei para o nosso texto. Na segunda parte da aula voltarei às outras perguntas. Então, prestem bem atenção nesta carta do Nilton Ribeiro:

Aluno: Professor, eu estou fazendo aquele trabalho de leitura lenta e cuidadosa, que o senhor recomendou, com a Metafísica de Aristóteles. De uma frase do autor eu extraí alguma coisa que julguei interessante, e gostaria da sua avaliação para saber se realmente faz sentido ou estou apenas pensando besteira. (...)

Olavo: A frase está em 982-a, linha 25, da *Metafísica,* de Aristóteles: "*Todas essas coisas as mais universais são, no seu todo, as mais difíceis para os homens conhecerem, pois elas são as que estão mais afastadas dos sentidos."* Prossegue o Nilton:

Aluno: (...) Eu entendo que Aristóteles, com a expressão "universal", se refere tanto ao universal supremo – ser e unidade – quanto aos universais intermediários, como as essências que agrupam os indivíduos da mesma espécie. (...)

Olavo: O que Aristóteles está dizendo é que esses conceitos universais são os mais difíceis de conhecer porque são os que estão mais afastados dos dados imediatos dos sentidos.

Aluno: (...) Eu observei o seguinte: quando olho para o livro que está na minha mesa, justamente com os dados fragmentários dos sentidos eu percebo também os universais dos quais o livro participa, e isso ao mesmo tempo. Então me perguntei: em que sentido o mais universal está mais distante dos sentidos, se eles estão presentes nas coisas concomitantemente? (...)

Olavo: Ou seja, juntamente com a forma sensível imediata se percebe a forma inteligível que, por sua vez, lhe dará o conceito universal. Você não percebe o conceito, mas a forma sensível e a forma inteligível. Se não percebesse a forma inteligível você simplesmente não saberia o que é a coisa. Quando você vê um bicho e percebe que é um gato, você está pegando não apenas a forma sensível, mas a forma inteligível, que é o *quid*, o quê o gato é. Quando não captamos a forma inteligível, só captamos uma forma sensível que não faz sentido para nós. Quando reconhecemos imediatamente a identidade de uma coisa, estamos captando a sua forma inteligível, a qual, traduzida em palavras, será o conceito geral da sua espécie. É isso que o Nilton está querendo dizer.

Aluno: (...) Foi aí que eu cheguei ao seguinte: parece que a característica essencial dos sentidos é perceber descontinuidades (não sei se esse termo é o mais apropriado). Eu enxergo o livro porque em torno da figura do livro tem um fundo diferente dele; eu ouço o assovio de um pássaro porque ele contrasta com o barulho do carro ou com o silêncio que antes se fazia presente; eu sinto calor ou frio porque a temperatura ambiente está diferente da temperatura do meu corpo; quando entro no banho com a água muito quente, no começo sinto dor, mas se eu continuar ali, pouco a pouco a temperatura do meu corpo se igualará à temperatura da água, e o único sinal da alta temperatura será a pele vermelha; e assim por diante. Por outro lado, os universais apresentam uma certa continuidade. (...)

Olavo: Não é uma certa continuidade, mas uma continuidade.

Aluno: (...) A essência do gato é contínua em todos os gatos, ou seja, os sentidos parecem ser inapropriados para captar aquelas características que são contínuas nos indivíduos. Isso indica que os universais não são captados pelos sentidos, mas por alguma outra função. Além disso, eu poderia dizer que os universais são "os mais difíceis de serem conhecidos" porque - assim pelo menos me parece - há uma tendência da nossa atenção em se voltar para as distinções ou descontinuidades. Eu olho o livro e percebo os fragmentos dos sentidos unificados aos universais dos quais ele participa, porém instantaneamente eu começo a prestar atenção nas informações dos sentidos – na cor, na posição, no tamanho etc. Acho que é essa tendência da atenção que Aristóteles se referia no primeiro parágrafo do livro, onde ele afirma que o homem se deleita com os sentidos, especialmente a visão. É claro que a visão dá mais prazer porque ela capta muito mais distinções do que os outros sentidos. (...)

Olavo: Em primeiro lugar, o que o Nilton está fazendo é exatamente o que tem de fazer. É assim que se lê um livro de filosofia, onde cada linha – principalmente de um grande livro como a *Metafísica* de Aristóteles – está cheia de material explosivo, ou seja, de problemas, às vezes, insolúveis.

Entender filosofia é perceber a tensão que existe embutida em cada um desses conceitos. O leitor que não percebe isso não está percebendo absolutamente nada. O que o Nilton captou de passagem, como quem não quer nada, é um dos grandes problemas da filosofia de Aristóteles, para o qual o próprio Aristóteles não teve solução.

Aristóteles disse que tudo o que existe, existe como individualidade e não como existência coletiva. Ou seja, se você pega uma espécie, ela não existe em si mesma, ela só existe nos indivíduos que a compõem. Por exemplo, não se pode enxergar a espécie gato ou vaca andando por aí, mas somente os gatos e as vacas. Por outro lado, Aristóteles também disse que só existe conhecimento científico no nível do universal. Com isso, do ponto de vista puramente lógico, surge uma contradição. Mas, se fosse apenas isso, uma contradição lógica, poderíamos dizer que foi um lapso de Aristóteles, que ele errou – aliás, perceber contradição lógica e, de certo modo, rejeitá-la, é a primeira reação do leitor não-qualificado -, mas acontece que essa contradição não é apenas de ordem lógica, ela está no próprio objeto do qual Aristóteles está falando. Por isso não podemos chamá-la de contradição, mas de uma tensão. E é essa tensão entre exigências opostas que constitui o processo cognitivo tal como Aristóteles o entende.

Isso quer dizer que a filosofia de Aristóteles começa com um problema e termina com um ponto de interrogação. Já dizia Duns Scott que o ser e a unidade se convertem um no outro. Ou seja, existir é ter unidade. A existência só aparece como individualidade: nós vemos esta pedra, esta árvore, esta pessoa, esta vaca, este gato, e assim por diante. Nunca vemos a espécie, ela não é percebida pelos sentidos, e, no entanto, nós podemos chegar a um conhecimento científico dela - quer dizer, um conhecimento demonstrativo - ao lidarmos com os conceitos universais, ou seja, com aquelas ideias gerais que tiramos das formas inteligíveis dos objetos individuais. Isso quer dizer que nunca há um ajuste perfeito **[0:10]** entre o mundo percebido e o mundo das ciências. Não há e não pode haver. Vejam que Aristóteles percebeu isto 400 anos a.C. e ainda hoje existem pessoas que acreditam que o conhecimento científico é uma descrição precisa e exata da realidade, coisa que ele jamais pode ser. Ele contém uma tensão estrutural aparentemente insuperável que é entre a modalidade de existência dos objetos e a nossa modalidade de conhecê-los cientificamente.

É preciso ver que essa sentença, que diz que esses objetos universais são os mais difíceis para os homens conhecerem por serem os mais afastados dos sentidos, pode ser interpretada, ao mesmo tempo, em dois planos de significado, os quais estão presentes, geralmente, em quase tudo que Aristóteles escreveu: (a) o da origem do conhecimento; (b) o da validade do conhecimento. Uma coisa é quando ele está descrevendo o processo real do conhecimento, ou seja, quando ele está falando de psicologia do conhecimento; outra coisa é quando ele está falando da fundamentação lógica ou da prova.

Por um lado, Aristóteles não poderia discordar do que o Nilton está dizendo, porque ele mesmo diz que as formas inteligíveis não estão colocadas acima e

fora dos objetos - do mundo, como Platão parecia sugerir -, mas estão embocadas na própria forma sensível. Esse é um dos temas fundamentais de Aristóteles. Mas, se é assim, se essas formas inteligíveis estão dadas imediatamente nos próprios objetos, como elas podem estar mais distantes dos dados dos sentidos? Isso que dizer que as essências, ou formas inteligíveis, são percebidas imediatamente pela inteligência humana, e não pelos sentidos. A inteligência está sempre presente em cada ato dos sentidos, mas ela não se identifica com a atividade sensorial propriamente dita.

Agora, como é que se conecta racionalmente uma coisa com outra? Como é que se faz a demonstração lógica, se apresenta o elo lógico entre o dado dos sentidos e a forma inteligível do seu conceito? Aí é que a coisa fica distante. Uma coisa é a percepção da forma inteligível: esta é imediata e, nesse sentido, não está distante coisíssima nenhuma. Mas, quando se entra no problema da prova lógica, as coisas se complicam porque a simples percepção não pode, por si mesma, servir de premissa em um raciocínio lógico: ela tem de ser convertida em uma afirmativa sobre a forma inteligível. Aí, sim, pode-se encadeá-la dentro de um raciocínio lógico. Por isso, essas duas questões, a da origem do conhecimento e a da validade do conhecimento, estão superpostas nessa mesma frase.

Assim, do ponto de vista da origem do conhecimento, não se pode dizer que os conceitos universais estão distantes dos objetos, pois eles têm de ser dados imediatamente, já que estão presentes não num outro mundo, numa outra esfera da realidade - como, segundo Aristóteles, Platão pretendia (o que não é uma interpretação muito exata, mas é como Aristóteles entendeu) -, mas na própria forma sensível que se vê. Ou seja, a forma sensível está dada imediatamente aos sentidos e a forma inteligível está dada imediatamente à inteligência naquilo que os sentidos percebem. A prova de que não é a mesma coisa é que nem tudo o que você vê você sabe o que é. Nesse caso, você pegou a forma sensível, mas não a forma inteligível, e por isso se pergunta que raio de coisa é essa. Mas, quando vemos um gato, não percebemos primeiro uma forma sensível se movendo e depois uma gaticidade que dá a ele a pertinência a uma espécie. Não, vemos as duas coisas imediatamente juntas. Elas estão juntas, mas não são percebidas no mesmo nível. Portanto, do ponto de vista da origem do conhecimento, não se pode dizer que elas estão separadas.

Entretanto, como se faz a ligação da forma sensível com a forma inteligível? Isso nós não sabemos. Como se pula de uma coisa à outra? Aí é um processo extremamente complicado. Então, as duas coisas são válidas: dizer que a forma inteligível é dada imediatamente e dizer que ela está mais distante do dado dos sentidos, pois, no primeiro caso, se está falando desde o ponto de vista da origem do conhecimento e, no segundo, desde o ponto de vista da validação lógica do conhecimento.

Quanto ao segundo ponto que o Nilton Ribeiro levanta - "*a característica essencial dos sentidos é perceber descontinuidades*" -, só se percebe um estímulo sensorial se ele se destaca dos outros, pois se ele for permanente, você deixa de percebê-lo. Por exemplo, a percepção do calor se dá pela

diferença entre a temperatura ambiente e a do seu corpo, pois se forem idênticas você não percebe absolutamente nada. Mas isso eu não vou explicar agora porque é exatamente do que trata o texto que eu deixei para vocês.

Mas antes de entrar na leitura e comentário desse texto, eu quero dar meus parabéns ao Nilton Ribeiro, pois é assim que se lê filosofia. É curioso que eu recebi outro dia uma mensagem do Tiago Tondineli, que é aluno do curso, dizendo que quando ele estava estudando filosofia na USP ele era criticado a toda hora pelos seus professores por lhe faltar o que eles chamavam de "rigor filosófico". Fará quarenta anos que esse pessoal da USP, que é um bando de ignorantes, usa esse negócio chamado de "rigor" como uma espécie de palmatória para assustar criancinha. Eles leem o seu trabalho e dizem que falta "rigor filosófico", que você é um diletante. O sujeito fica aterrorizado com isso porque jamais descobre que raio de coisa é esse "rigor" de que eles estão falando.

Ou seja, o rigor passa a ser uma espécie de propriedade esotérica de uma casta de iniciados, de iluminados, que tiveram acesso a ele, porém, quando se vai ver, não há rigor nenhum. Eu nunca vi rigor filosófico algum em qualquer análise, de qualquer uspiano, sobre o que fosse. É impossível encontrar qualquer rigor filosófico, analítico, em qualquer coisa que seja escrita por dona Marilena Chauí, por Gianotti, por Paulo Arantes, por qualquer desses camaradas. Eles são de uma inabilidade para lidar com questões filosóficas que é uma coisa atroz. É aquele negócio do garoto que põe o sorvete na testa. Eles não sabem o que é rigor filosófico.

Rigor filosófico é ler as coisas assim: entender em cada linha de um livro de filosofia o potencial de problemas que aquilo tem, é apreender esses textos filosóficos como uma malha de tensões. É pela incorporação dessas tensões que você se torna um filósofo, porque a sua visão acaba sendo de um tipo que não percebe somente coisas, mas tensões, movimentos, oposições, contigüidades etc. Ou seja, a sua visão das coisas se torna viva. Com isso se começa a perceber as coisas como Aristóteles as percebia, como Platão as percebia, e assim por diante. Aí você entrou no Grêmio, essa é a iniciação. Ou seja, o Nilton Ribeiro está mais iniciado nos mistérios da filosofia do que dona Marilena Chauí.

Esse pessoal da USP não é capaz de perceber essas coisas porque **[0:20]** eles trabalham com textos, e somente textos. O Nilton não fez isso. Ele está lendo o texto usando a experiência real imediata como instrumento de interpretação. É exatamente o que eles não sabem fazer. Eles lidam com textos filosóficos e com problemas filosóficos tradicionais; o Nilton, não. Ele está lidando com o texto como interpretação da realidade e a realidade como interpretação do texto. É aí que aparecem as tensões e é ai que as coisas começam a ficar interessantes. É por isso que a filosofia uspiana é a coisa mais chata do mundo, porque não há essa tensão. No máximo, o que eles percebem são contradições lógicas. Mas o que o Nilton percebeu não foi uma contradição lógica no texto e sim uma dificuldade inerente à sua própria percepção da realidade. Ele fez isso conduzido por Aristóteles, mas o seu ponto focal não era o texto de Aristóteles

e sim o de quê Aristóteles estava falando. Quer dizer, ele leu Aristóteles como intérprete da realidade, não como um autor antigo, como o autor de um texto.

O dia em que eu li aquela coisa do José Arthur Giannotti dizendo que filosofia é uma atividade que se ocupa com textos, eu fiquei aterrorizado, afinal, os textos não são a respeito de alguma coisa? Se não for assim, um texto falará a respeito de outro texto que falará a respeito de outro texto que falará a respeito de outro texto etc. Nós nunca vamos sair disso? Mas isso é um mundo bi-dimensional! Agora, eu leio Aristóteles e nunca o vejo falando de textos, mas de gato, de vaca, de nuvens, da constituição do Estado, da guerra; eu o vejo falando dessas coisas, da percepção sensível, e a percepção sensível certamente não é um texto.

Ora, se na hora em que eu estou lendo Aristóteles, eu não tento fazer o que Aristóteles está sugerindo, eu não vou entender o que ele está dizendo. Essa é a única maneira de se chegar a uma compreensão profunda de um texto como a *Metafísica* de Aristóteles. Então, Nilton, se você demorar dois, três ou quatro anos para terminar a leitura da *Metafísica* de Aristóteles, desde que feita assim, pode ter a certeza: você fez um curso inteiro de filosofia baseado na *Metafísica* de Aristóteles. Esse é o verdadeiro rigor: entender o texto nas suas várias camadas de significado e nas várias repercussões que ele tem na sua percepção da realidade. Sem isso, não adianta nada. Sem isso, se estará apenas esmiuçando outros textos possíveis que estão embutidos no texto de Aristóteles.

Por isso, aos uspianos que dizem que essa porcaria é que seria rigor filosófico, eu só posso responder que o que merecem é um tapa na cara! São charlatães, vigaristas, todos eles! Eles não têm a menor ideia do que seja rigor filosófico, não sabem tratar um único problema filosófico, nem mesmo os mais simples. Essa semana eu li aquela entrevista da Dona Marilena dizendo: *“não é que eu tenho fé em Deus, eu conheço Deus.”* Ou seja, ela faz a distinção de que existe, por um lado, o conhecimento religioso dado pela fé e outro dado pela filosofia, pela razão. É como se ela dissesse: “*Mas eu estudei Espinosa, então nós temos aqui o conhecimento de Deus.”* Mas isso é de uma estupidez fora do comum! Como é que uma pessoa pode dizer um negócio desses? Que eu saiba, a filosofia não pode lhe dar o conhecimento de Deus, porque a filosofia só pode lhe dar conhecimento de problemas filosóficos, de conceitos filosóficos. Por si só, ela não pode dar o conhecimento da realidade.

Uma coisa é você conhecer Deus como conceito filosófico e outra coisa é conhecê-Lo como realidade. Deus não pode ser objeto de experiência, porque como tal teria de ser um objeto colocado fora do sujeito e submetido ao horizonte de consciência desse sujeito. Ou seja, não se pode perceber nenhum objeto que esteja acima do seu horizonte de consciência. Se você entende que Deus não é um objeto externo, mas que é a própria condição de possibilidade para que se tenha um horizonte de consciência, então só existe um jeito de conhecê-Lo: pela ação que Ele exerce em você, por Sua ação criadora em você. Isso é um método quase infalível de conhecer Deus.

Mas não é esse o método de Espinosa, que usa um método eminentemente construtivo, criando os conceitos como esses são criados em geometria. Qual é o conceito de uma figura geométrica? É o modo de se criar aquela figura no papel. O que é um círculo? O círculo é a figura que se obtém ao marcar um ponto num plano e, a partir dele, estender um segmento de reta que depois será girado. Esse é um círculo em geometria. Portanto, não há outra definição geométrica de um círculo se não a própria produção do círculo. Ou seja, Espinosa nega que nós possamos obter qualquer conhecimento pela experiência. Segundo ele, só poderíamos adquiri-lo mediante o puro raciocínio efetuado com conceitos criados dessa maneira. Só que, se por essa maneira podemos conhecer o conceito de Deus, por ela não teremos experiência nenhuma Dele.

A experiência que nós podemos ter de Deus não é a de um objeto que apreendemos, mas a de nós mesmos sendo apreendidos e formados por Ele. Só há duas maneiras de se perceber Deus: ou Ele faz um milagre na sua frente – e ao ver a ação Dele sobre o mundo exterior você reconhece que aquilo só pode ser ação de Deus – ou, então, há a ação Dele sobre você que percebe que jamais poderia tê-la praticado. Nesse segundo caso, você entende que está sendo formado, que a vida do Espírito está sendo insuflada em você por um poder descomunal que lhe transcende infinitamente e está despertando possibilidades que você nem sabia que tinha - talvez nem tivesse mesmo.

Só existem essas duas maneiras e nenhuma delas é a maneira espinosista, assim como tampouco podem ser consideradas propriamente como filosofia. A filosofia pode explicar que as coisas são assim, mas ela não pode fazê-las acontecer para você. Isso é o conhecimento de Deus por experiência, o que Kant dizia que não poderíamos ter, mas é uma mentira, pois nós podemos ter experiência de Deus, sim, pela ação que Ele exerce em nós ou pela ação que Ele exerce no mundo exterior. São as únicas maneiras de conhecê-Lo. Você não vai conhecê-Lo na Sua essência, mas vai conhecê-Lo nas Suas ações e, portanto, nas Suas propriedades.

Portanto, a Marilena Chauí jamais poderia aprender isso com Espinosa, o que significa que ela não sabe a diferença entre ter um conhecimento de Deus e conhecer o conceito de Deus. Ela não sabe isso. Quando ela quer comprar um carro, ela aceita comprar o conceito de carro? Ela entra dentro do conceito e dirige? Quando vai ao restaurante, ela se contenta com o conceito de bife? Não deve ser assim, porque consta que ela é uma excelente cozinheira, além de ter escrito um livro sobre culinária. Portanto, ela sabe que não é possível comer o livro de culinária em lugar das comidas, que é a mesma coisa que ela está fazendo em relação a Deus.

(Aliás, eu conheci a mãe da Dona Marilena, que era esposa do meu amigo Nicolau Chauí, já falecido. Ela era uma cozinheira maravilhosa, tanto que você chegava na casa dela e comia até morrer. Eu ia lá e ela fazia aquelas comidas árabes maravilhosas e o Nicolau me enchia daquela bebida árabe chamada Árak; daí eu tinha de sair carregado para casa depois.)

No livro de culinária se tem os conceitos das comidas, os quais, aliás, foram criados espinosisticamente, pois o método dele consiste em definir os entes pela sua construção lógica. O que é um livro de receitas? É exatamente isso: a definição de cada comida pelo modo de produzi-la. **[00:30]** Esse é o método espinosista que só permite o conhecimento daquilo que a sua própria mente inventou. Espinosa faz isso e quando encontra, entre esses vários conceitos criados por ele próprio, um elo de necessidade lógica, aí ele alega estar em plena veracidade universal. Sim, está, mas só em relação a esses conceitos que ele mesmo inventou.

A mesma coisa ocorre com a geometria de Euclides, na qual se inventa uma série de figuras, como, por exemplo, um quadrado desenhado no plano, com quatro lados iguais: é fatal que ao dividi-lo na diagonal se obtenha dois triângulos isósceles. Seja lá quantas vezes você fizer isso, obterá sempre o mesmo resultado. Isso é uma verdade universal, sem dúvida, mas será esse o modo de se conhecer Deus? Não, esse é o modo de se conhecer o conceito de Deus, o qual talvez tenha validade universal, mas não é o mesmo conhecer o conceito universalmente válido de uma coisa e conhecer a própria coisa. Por isso que eu me pergunto como pode essa mulher chegar a ser catedrática de filosofia, tornar-se a decana da universidade, a gostosona, mas não saber essa coisa elementar.

É isso que os santos da Igreja sempre criticaram como sendo o Deus dos filósofos e não o Deus de Abraão, Isaac e Jacó, que O conheciam por Suas ações e não pelo conhecimento de Sua essência. A essência é misteriosa, mas o que eles acompanhavam era a ação de Deus sobre eles e o ambiente exterior. Quem não acompanha essa ação não sabe nada de Deus; nada. Deus oferece isso a todo mundo, ou seja, todos podem ter acesso a Ele: basta acreditar que Ele existe, porque se não acreditar não irá procurar. Esse é que é o elemento da fé: se não se acredita que uma pessoa existe, você telefonaria para ela? Não. Se você não acredita que ela está naquele telefone você telefona para ela? Não. Com Deus é a mesma coisa. É como se Deus dissesse: "*Olha,* E*u posso agir na sua vida; Eu posso mostrar Minha presença na sua vida, mas você tem de acreditar que Eu estou aqui e que vou agir. E você tem de pedir do jeito certo, senão não vai acontecer. Às vezes pode até acontecer, mas não é todo dia.*"

Portanto, existe um meio experimental de se ter acesso a Deus e as pessoas que nunca tentaram fazer essa experiência nada sabem a respeito Dele, inclusive as que acreditam Nele, pois se o sujeito acredita em Deus piamente, mas nunca tentou isso, então, o Deus em que ele acredita é um conceito. O conceito pode estar certo e ele pode ter fé nesse conceito, mas a fé no conceito não é a mesma coisa que a fé em Deus. Ter fé em Deus é, entre outras coisas, acreditar que Ele vai se manifestar quando você pedir. Quer uma prova de Deus? Peça para Ele. Se você quiser inventar uma prova da existência Dele, pode gastar toda a lógica do mundo que o máximo que acontecerá é sua prova possuir um valor relativo: uns vão aceitar, outros não; até você mesmo vai ficar em dúvida, pois não há prova que seja tão absolutamente perfeita que não possa ser refutada de algum modo. Por isso, o que se deve fazer é pedir para alguém mais competente, para o próprio Deus: "*Deus, mostra para mim*

que Você existe?” Não é coisa simples? “*Mostra que Você existe, mostra que Você me ama, mostra que Você está aí?”* Ele vai mostrar.

Só que não se pode ficar perante Ele na posição do observador científico, porque o observador científico controla a experiência e para se ter esse tipo de conhecimento de Deus é preciso se transformar num verdadeiro nada, chegar à total passividade - mas passividade atenta, sem estar dormindo, nem em transe místico, nem coisa nenhuma. Você vai apenas desistir de pensar o que quer que seja, conhecerá sua total ignorância, sua total nulidade, sua total falta de mérito e é nessa posição desse nada consciente que você se colocará diante de Deus e verá Sua ação. Essa é a única maneira de conhecer Deus, salvo se acontecer um milagre no mundo externo, como aconteceu, por exemplo, com aquelas 70.000 pessoas que estavam em Fátima. Ninguém pediu nada e a coisa aconteceu. Aqueles três meninos também não pediram nada, foi Nossa Senhora quem os chamou. Isso pode acontecer a você, mas se você não for assim afortunado, pode pedir a Deus: “*Aja sobre mim. Faça de mim o que eu não consigo ser, o que eu não poderia ser. Ensina-me o que eu não sei e o que não poderei aprender por mim mesmo.”* Ele fará isso. Para mim Ele já fez mais de mil vezes. Se não tivesse feito eu não estaria dando esse curso aqui.

Isso é uma coisa acessível a todo mundo. Todo mundo tem o direito - e se tem o direito tem o dever - de fazer isso. Mas, Dona Marilena fez? Ela jamais fez. Ela foi pedir explicação sobre Deus para Espinosa, um coitado infeliz que os rabinos botaram para fora da sinagoga porque era um traidor, vagabundo, mentiroso, difamador da religião judaica. Portanto, a pessoa que conhece o deus de Espinosa e acha que com isso conheceu Deus está confundindo o livro de receita com as comidas. Repare que é um erro que ela não faz no nível da culinária, só no da filosofia, porque de culinária ela entende, mas de filosofia, não. Por mais que ela tenha estudado - e estudou -, não o fez como o Nilton Ribeiro está fazendo. Esse garoto – eu nem sei se é garoto, pode ter até noventa e cinco anos – está fazendo a coisa certa, é assim que se lê. Cada linha de um grande livro de filosofia está cheia de tensões, é um território explosivo.

Começar a perceber isso começar a perceber a grandeza da mente do filósofo que foi capaz de compreender, de alguma maneira, toda essa complexidade da realidade; ainda que suas palavras sejam fracas para transmiti-la, principalmente as de Aristóteles, pois tudo o que escreveu foram notas rápidas para depois desenvolver em aula, na qual, certamente, ele explicava as várias camadas de significados compactadas no texto e depois as decompunha. Por isso, quando você perceber essas coisas, nunca seja todo de pensar que está percebendo mais, que está vendo coisas que Aristóteles não viu. Não, não. Mais adiante ele mostra que viu isso e mais alguma coisa, então, cuidado quando se lê as obras dos grandes filósofos porque ser mais esperto do que eles é muito difícil.

Dito isso, vamos entrar nesse segundo ponto em que ele fala que a característica dos sentidos é perceber descontinuidades, entrando no texto da aula propriamente dita. Eu vou lê-lo e peço que vocês acompanhem na versão impressa ou *online.* De vez em quando eu vou parar para fazer algum

comentário. Notem que nesse texto eu coloco um problema e não dou a solução de maneira alguma. Estou fazendo mais ou menos a mesma coisa que o Nilton fez: *“aqui temos um abacaxi, eu não sei exatamente a solução, mas que tem algum problema aqui, isso tem.”* Então:

> “Considerado em si mesmo, amputado de todos os nexos invisíveis e insensíveis que o unificam e articulam, o mundo dito material, o mundo dos corpos e das sensações, não é de maneira alguma um "mundo", uma unidade real: é uma poeira de percepções múltiplas e instantâneas, separadas e incomunicáveis, sem qualquer vínculo "material" que as relacione e as cole umas às outras. Basta uma piscada e você não "vê" mais nenhum elo de continuidade temporal entre os objetos das duas percepções visuais sucessivas.”

Claro, você fecha os olhos e ao abri-los novamente o objeto que estava diante de você permanece ali, mas existe algum elo de continuidade, algum elo visível entre as duas visões? Não, não tem. Você percebe que é o mesmo porque se lembra dele, mas lembrar-se não é uma percepção visual. Ou seja, o elo entre duas percepções visuais não é visual e a memória não é um dado dos sentidos. **[00:40]** Onde está o objeto que você percebeu visualmente? Está na sua frente, como, por exemplo, eu estou vendo agora a Roxane, a Isabela, a Leila e assim por diante; pisquei, e vejo de novo as mesmas coisas. Portanto, eu tive duas visões e os objetos das minhas visões estão aonde? Estão na minha frente. Mas e a minha memória, onde está? Está na minha cabeça e não aqui na minha frente.

> “Você sabe que o elo está lá, mas não pode enxergá-lo com os olhos. Ao ver um objeto qualquer e estender a mão para pegá-lo, a unidade vista e tocada não é vista pelos olhos nem apreendida pelo tato.”

Por exemplo, eu estou vendo essa lapiseira aqui; agora a peguei. Eu sei que esse objeto que eu estou tocando é o mesmo que eu vi, mas onde está a ligação entre o que vi e o que peguei? Ela pode ser vista? Não, essa relação não pode ser vista. Ela pode ser tocada? Também não. Isso quer dizer que a unidade entre percepção visual e percepção táctil não é nem uma percepção visual nem uma percepção táctil, mas é alguma terceira coisa. O que é essa coisa? Bom, esse será o nosso problema.

> “Os dois sentidos permanecem distintos e separados, assim como os respectivos aspectos que eles apreendem no objeto. Se você sabe que o objeto que você vê é o mesmo que você toca, esse saber não lhe vem nem da sensação visual nem da sensação táctil, mas de uma ligação entre as duas que, por sua vez, não é vista nem tocada. Se nem mesmo a simples unidade de um objeto simples, de uma caneta, de um copo, de um gato, pode ser objeto de percepção sensível, muito menos pode sê-lo a unidade do mundo, a unidade do real como um todo. No entanto, a unidade do real está pressuposta em cada uma das nossas percepções e ações. Se a esquecêssemos por mais de alguns segundos nos tornaríamos incapazes de executar até mesmo as ações mais simples: comer, andar, subir numa árvore e fugir de um perigo.”

Por que isso acontece? Ora, se você acreditar que cada nova percepção obtida vem de uma realidade completamente separada e distinta da anterior, que não

há continuidade com os objetos que se está percebendo, como haverá continuidade nas suas ações, nas ações que você faz com relação a eles? Por exemplo, se eu vejo essa lapiseira e a pego, eu acredito que a lapiseira é a mesma, porque se não fosse a mesma eu simplesmente não poderia pegá-la. Eu não posso pegar o objeto que eu vejo se eu acredito que o que eu vejo é um e o que eu pego é outro, não é isso? Portanto, a unidade desse objeto, a unidade do meu ser físico e das minhas ações, e a unidade entre eu e esse objeto, está pressuposta em tudo o que eu estou fazendo, senão eu não poderia nem perceber e muito menos agir.

> “Nossa desadaptação ao ambiente, nesse caso, seria tal que não poderíamos sobreviver nele individual e coletivamente por mais que o tempo necessário para definhar e morrer. Tudo o que fazemos neste mundo supõe a unidade do real, a unidade da sua simultaneidade no espaço e da sua continuidade no tempo e esta unidade por sua vez não chega ao nosso conhecimento por nenhuma informação sensível, sendo antes a condição prévia para que as informações sensíveis se unifiquem na nossa mente e tomem a forma de percepções. Mesmo somados os dados dos cinco sentidos não nos notificam da existência de nenhum mundo e nem sequer de um só objeto inteiro.”

Quer dizer, se eu somar a minha percepção visual e a minha percepção táctil, isso é suficiente para formar um objeto? Não, porque a identidade do objeto não é percebida nem na informação visual nem na informação táctil e a relação entre uma coisa e outra também não é percebida em nenhuma dessas informações. Logo, juntar os vários dados não resolve o problema, porque eu só posso juntá-los em função de uma unidade anterior que está pressuposta em tudo isso. É porque eu sei que o objeto tem unidade **[0:50]** que eu posso juntar nele as várias informações sensíveis que eu tenho a respeito dele. Como é que eu poderia juntar a percepção visual da lapiseira com a percepção táctil dela se eu não sei que esses dois atos de percepção incidem sobre o mesmo objeto? Ou seja, a mesmidade, a unidade e a continuidade de um objeto, longe de ser criada por uma somatória de percepções, é a condição para que eu possa fazer essa somatória. Espero que tenham entendido isso. Eu tenho de saber que o objeto que eu vejo é o mesmo que eu toco para eu poder somar a informação visual com a informação táctil, senão eu a somaria, mas não com relação ao mesmo objeto.

> “Os sentidos dão apenas sensações, se essas não se juntam não há objeto nem mundo e o fato é que elas não se juntam ao nível dos sentidos. Que isso coloca um problema é algo que os primeiros filósofos gregos já perceberam com muita clareza. Ao afirmar que “*nunca nos banhamos duas vezes no mesmo rio*”, Heráclito dava ciência do caráter fragmentário e constante das nossas percepções. Ao buscar a unidade do real numa esfera de eternidade supra-sensível, Parmênides reconhecia que essa unidade não se encontrava no mundo dos sentidos, mas ao mesmo tempo deixava um ponto de interrogação na pergunta decisiva: se a unidade não se vê nem nos objetos do mundo sensível como podemos apreendê-la na suposta ligação ainda mais alta e mais difícil de alcançar entre o sensível como um todo e o supra-sensível?”

Entretanto, ainda que se possa aceitar a resposta de Parmênides de que a unidade do real está no mundo do supra-sensível, isso não apenas está longe de resolver o problema como cria outro muito pior. Se a partir dos dados

sensíveis tidos sobre um objeto eu não posso construir a sua unidade, mas, ao contrário, eu dependo dessa unidade para poder construir as minhas percepções, então, como é que eu poderia fazer isso com o todo sensível somado que levaria a um “supra-todo”, um supra-sensível eterno? Aí a coisa complicou mais ainda. Ou seja, Parmênides não resolve o problema, mas o transforma em algo ainda mais complicado - embora o que ele disse esteja realmente certo. Ele disse que por não captarmos a unidade do real no nível dos sentidos - que foi o que eu acabei de dizer -, essa unidade deve estar em algum outro lugar. Sim, só que dizer isso não é resolver o problema, é exatamente colocá-lo.

> “Qual é em suma o fundamento da nossa certeza da unidade do real? Certeza que os céticos podem até questionar em palavras, mas à qual retornam no instante mesmo em que a questionam diante de um ouvinte e sabem estar como totalidade individual no mesmo mundo em que eles existem.”

O cético questiona a unidade do real, mas ele só a questiona em palavras. Se ele questioná-la para mim é porque está persuadido de que ele é uma individualidade, eu sou outra - ou seja, eu tenho a minha individualidade, ele tem a dele e elas não se confundem - e de que ele pode falar comigo porque eu estou no mesmo mundo que ele. Ele não seria idiota de falar com quem está num outro mundo e por isso não poderia ouvi-lo. Portanto, pelo simples fato de exprimir a sua dúvida em voz alta, o cético está mostrando que ela só existe em palavras. Ou seja, ele está dizendo que não tem nenhuma dificuldade de acreditar na unidade do mundo, mas apenas de fundamentá-la em palavras. Ele sabe que vive dentro dessa unidade, sabe tanto quanto você, tanto quanto qualquer pessoa não cética ou crente; ele sabe que está no mesmo mundo, que esse mundo tem unidade, que cada objeto que está ali tem uma unidade e assim por diante.

> “Para resolver esse problema muitas hipóteses foram criadas e não raro defendidas com veemência. Eis algumas delas escolhidas a esmo: 1) Segundo David Hume, não podemos conhecer a unidade do real nem saber se ela existe ou não. Acreditamos nela pela força do hábito consagrado nascido da necessidade prática.”

Ou seja, precisamos sobreviver e para isso precisamos acreditar que estamos no mesmo mundo. Para que eu pagaria uma dívida, por exemplo, se eu acredito que eu estou num mundo e meu credor está em outro? Se ele está em outro eu sou inatingível por ele, mas como eu sei que estou no mesmo mundo dele e que se eu não pagar ele vai vir me incomodar amanhã, então eu pago.

> “É também por hábito, diz David Hume, que acreditamos na nossa própria unidade pessoal.”

Ele diz que se nós nos examinássemos direitinho veríamos que não existe nenhuma consciência em nós, mas apenas momentos atomísticos, percepções diferentes que passam por nós num momento, em outro, em outro, em outro etc., sem nada existir para colá-las. Então, provavelmente, o eu também não existiria, só existindo estados mentais.

> “O problema com essa teoria é o seguinte: se o meu próprio eu não tem unidade nenhuma como poderia ele adquirir um hábito?”

Por exemplo, toda vez que eu bato no meu irmãozinho vem meu pai e me dá umas palmadas na bunda. Mas se eu não tenho unidade nenhuma, como eu posso me recordar que as palmadas que eu levei ontem tem algo a ver com as que eu estou levando agora? Não posso. Ou seja, se o eu não tem unidade ele não pode formá-la pelo hábito, porque ele não tem a condição para criar um hábito, que pressupõe a continuidade do sujeito habituado. Portanto, não é possível que o hábito crie a unidade ou mesmo que crie o conhecimento da unidade, pois não só a unidade, objetivamente falando, mas, também, o conhecimento dela, é condição para que se possa haver uma aquisição de hábito.

> “Longe de poder ser criada pelo hábito, a unidade do sujeito é uma condição para que existam hábitos.”

Não apenas a unidade do sujeito, mas o conhecimento da unidade também é uma condição para que existam hábitos.

> “A simples repetição de um ato qualquer é inconcebível se o sujeito que praticou o hábito pela primeira vez não permanece o mesmo na segunda.”

Esse mesmo erro o Jean Piaget comete com a questão da identidade, que eu comento no livro *O Jardim das Aflições* - procurem no livro onde eu falo do Jean Piaget que vocês verão que ele comete a mesma burrada que o David Hume.

> “Quanto a unidade do real como um todo, como poderia ela impregnar-se nos hábitos da comunidade se esta não permanece a mesma durante o processo de aquisição de cada hábito?”

Quer dizer, o mesmo processo com relação ao eu funciona com relação à comunidade. Se ela se desfaz diariamente e entram novos membros, como é que o ato praticado ontem poderia ser repetido hoje? Ainda que isso acontecesse milhões de vezes não se formaria hábito algum.

> “Mas como poderia a comunidade conservar-se unitária se sua existência transcorresse no quadro de uma realidade total fragmentária e quebradiça.”

Quer dizer, se não existe uma unidade do real, muito menos pode existir a unidade de uma comunidade. Onde está essa comunidade? Ela existe em vários mundos? Ela troca de mundo a cada dia? Se ela troca de mundo a cada dia, como é que ela pode repetir o mesmo ato? Será o mesmo ato num contexto completamente diferente e que não terá nada a ver com o ato anterior. Portanto, é claro que essa solução de David Hume não soluciona nada, mas ela cria um problema monstruoso. Aqui é realmente um problema lógico.

> “2) Segundo Kant, a unidade do real não é percebida, é um esquema pré existente na mente humana que o projeta sobre os dados fragmentários do mundo sensível conferindo-lhes assim uma forma unitária que por si mesmos eles não têm.”

O que nós receberíamos do mundo sensível seriam apenas fragmentos esparsos e a nossa mente é que daria uma unidade. Ela não faria isso conscientemente, pois, como ele mesmo diz, trata-se de uma forma *a priori*. Quer dizer, a própria esquemática constitutiva da nossa mente unificaria os dados do real sem que nós precisássemos pensar nisso.

> “Essa doutrina suscita de imediato a objeção de que a unidade a ser obtida não é real, objetiva, mas apenas uma criação da mente humana.”

Porque se a minha mente, pelas suas formas *a priori,* unifica os dados dos sentidos, então, é claro que essa unificação é um produto da minha mente e ainda resta o problema de saber se essa unidade corresponde a alguma unidade no mundo real ou se seria apenas uma invenção minha. Dentro do método kantiano esse problema é impossível de resolver, porque como se poderia conferir se a unidade criada com os fragmentos do mundo real corresponde a alguma unidade no mundo real? Tem-se de captar algo do mundo real, mas se esse algo só se capta como fragmento, então é preciso inventar uma segunda unidade, o que levará à criação da unidade da unidade da unidade da unidade da unidade etc., todas projetadas pela mente humana em geral.

> “Kant responde que de fato é assim, mas que essa criação é universalmente válida por ser idêntica em todos os homens, o que é suficiente, segundo ele, para fundamentar a possibilidade do conhecimento. A resposta é obviamente insatisfatória, pois abre um abismo entre validade universal e veracidade.”

Nós ficamos sabendo que as nossas conclusões são universalmente válidas, ou seja, que qualquer outro idiota que consinta pensar no mesmo assunto chegará à mesma conclusão. Mas, como nenhum de nós tem um contato com a unidade do mundo real e estamos apenas projetando sobre ele a unidade que está nas nossas formas *a priori,* surge a pergunta: e se todos nós estivermos enganados juntos? Ele acha essa perspectiva horrível e a afasta dizendo que nós temos de acreditar nisso. Temos uma pinóia! Os céticos não a aceitam, por exemplo, e daí?

> “Ser universalmente válido significa apenas ser aprovado por todos os homens – ou, pelo menos, por aqueles que pensaram no assunto -, mas nada impede que eles se enganem todos juntos. A filosofia de Kant, cuja influência sobre a mentalidade acadêmica foi profunda e duradoura, substitui, em última análise, a veracidade pelo mero consenso.”

É um consenso universal. Todo mundo concorda, mas jamais saberemos se isso corresponde a algo do mundo objetivo, ou não.

> “Essa filosofia só não nos informa se a existência do consenso deve existir objetivamente, por sua vez, ou também deve ser admitida por puro consenso.”

Existe um consenso, mas é no mundo real? Não podemos saber. Para mim, o consenso é um fenômeno histórico-social – há um consenso de que todas as pessoas pensam assim, assim e assim – e, portanto, um dado objetivo do mundo real. Mas se eu não posso captar um dado objetivo do mundo real,

então eu só posso conhecer o consenso através de outro consenso e esse através de outro e assim por diante. Ou seja, o consenso se transforma em uma assembléia universal eternamente inconclusiva.

> “3) Segundo toda uma escola de pensamento em que se destacam Willard Quain, Gilbert Frye, Wilbert Sellers, Donald Davidson e Richard Rorty, a única unidade que se pode admitir como existente é a da natureza corpórea tal como a descreve as ciências. O ser humano é apenas um ente a mais no conjunto da natureza e tudo o que se passa no seu psiquismo é apenas o resultado de sua atividade neuronal, que é um processo material como qualquer outro. Os circuitos neuronais recebem inputs **[01:00]** dos sentidos e emitem 'enunciados' sobre as coisas. Mas esses enunciados são nada mais que um jogo intersubjetivo: refletem apenas a troca de estímulos entre vários cérebros humanos e nada mais conhecem, nem expressam, além da sua própria situação pragmática."

Ou seja, existe um mundo objetivo e ele é descrito pelas ciências. Dentro desse mundo existe um tipo de ser que é humano, que pensa e fala. Mas o que ele pensa e fala não diz respeito a nada de objetivo, a nenhuma realidade objetiva, apenas expressa o funcionamento do seu próprio cérebro.

> "Temos então dois mundos separados: de um lado, a unidade objetiva das 'coisas' físicas descritas pelas ciências; de outro, o universo dos 'jogos' intersubjetivos, conjunto de erros e ilusões às vezes úteis, não raro inúteis e prejudiciais. Essa solução não é uma solução de maneira alguma. Em primeiro lugar, não nos explica como a mera soma de atividades intersubjetivas, sem poder de preensão sobre a realidade objetiva, poderia ter gerado algo como o conhecimento científico objetivamente válido."

Afinal de contas, quem faz ciência são outros bichinhos que, como nós, pensam e dizem apenas o resultado da sua atividade neuronal. Um sujeito pode dizer a maior besteira ou anunciar uma suposta lei científica que, pouco importa, será sempre e apenas reflexo da sua atividade neuronal. Só que a atividade neuronal não reflete, jamais, a objetividade do mundo, e sim o funcionamento dos nossos próprios neurônios.

> "Se todas as atividades cognitivas humanas são apenas jogos, a ciência não pode ser também senão um jogo, ainda que um pouco mais sofisticado. Nesse caso ele nada tem a dizer sobre o mundo das 'coisas', e sim apenas sobre as necessidades pragmáticas da comunidade científica (ou seja, das pessoas que emitem esse discurso). Uma dessas necessidades é a de persuadir as demais comunidades de que a comunidade científica é a única autorizada a falar em nome delas e, ademais, a pronunciar 'verdades objetivas' a que todas devem curvar-se."

Ou seja, impor a veracidade do conhecimento científico é apenas um jogo de linguagem a mais. O próprio Rorty não consegue escapar disso, porque diz que não podemos provar nada, mas só induzir as pessoas a falar como nós. Ou seja, é uma atividade meramente pragmática. Por exemplo, eu quero que você pense como eu, então eu crio uma série de mecanismos persuasivos e treino você para falar como eu. É isso que a comunidade científica faz. Mas donde vem a autoridade dela? Por que eu não posso fazer o contrário, dizer que não aceito o seu discurso científico e invento o meu próprio? Ou seja, em vez de eu

falar como você eu quero que você fale como eu. Vamos supor que eu tenha mais dinheiro do que você. Eu contrato mais gente para falar e você acaba falando como eu.

Eu até escrevi dois artigos sobre o Rorty, muito antigamente - eles saíram também n'*O Imbecil Coletivo* -, mostrando que, no fundo, para ele, todo o universo do conhecimento é apenas uma questão de consenso, como em Kant. Mas ele vai além e fala em fabricar um consenso. Ou seja, é tudo um consenso fabricado e a totalidade do discurso da ciência é outro consenso também fabricado. Não vejo como escapar disso dentro da perspectiva do Rorty. Não há nada na obra dele ou dos outros que permita estabelecer uma distinção qualitativa real entre o discurso científico e os demais discursos, há apenas uma diferença de grau. Mas acontece que um jogo muito mais aperfeiçoado continua sendo um jogo.

> "Em segundo lugar, o que é uma 'ciência'? Ciência é levantar uma hipótese de que determinado campo de fenômenos obedece a alguma constante, e em seguida coletar fatos dentro desse mesmo campo definido pela constante para averiguar se a constante é mesmo constante."

Às vezes não é. Embora essa atividade seja eminentemente tautológica, às vezes ela dá errado. Por exemplo, eu faço uma hipótese de que todos os porcos-espinhos jogam espinhos quando são atacados. Daí eu vou coletar fatos. Quais fatos? Porcos-espinhos, que são os objetos passíveis de serem explicados pela mesma constante. Eu não vou coletar tomates, abacaxis, prédios, automóveis etc. Não, eu vou coletar os porcos-espinhos que são os objetos abrangidos na minha hipótese. Mesmo assim, pode ser que eu tenha observado errado e os porcos-espinhos não façam isso.

> "O campo de observação de cada ciência é delimitado pelas hipóteses iniciais que em seguida selecionam o material de observação. Por mais exatas e meticulosas que sejam as observações, o resultado final há de trazer sempre consigo a tara hereditária da hipótese fundadora, e por isso não pode jamais ser declarado uma verdade objetiva, apenas a confirmação intersubjetiva de um método inventado precisamente para criá-la. Kant estava certo ao observar que, nas ciências, o método inventa o objeto. Mas se este é o caso, nenhum objeto de ciência nenhuma pode ser dito 'real': cada um é apenas um simulacro de objetividade projetado pelo método."

Se me perguntarem como eu explico a aplicabilidade técnica eu responderei que é exatamente por isso. A aplicabilidade técnica das ciências é por causa disso: faz-se uma hipótese de que um certo campo de objetos obedece a uma constante e em seguida se escolhe os objetos de acordo com a possibilidade, a probabilidade, que pareça maior ou menor de que eles obedeçam a essa constante. Isso quer dizer que a possibilidade da manipulação técnica já está dada desde o início. A própria aplicabilidade do método científico já é uma aplicação técnica, já é uma transformação que se está fazendo, não nos objetos, mas na visão que se tem deles. Se é possível criar essa estrutura racional, essa visão racional dos objetos, não deve ser muito difícil de aprender a fazer alguma coisa com eles.

Agora, a possibilidade de que certas coisas obedeçam a algumas constantes, tão logo ela seja elucidada ela já sugere, automaticamente, uma aplicabilidade técnica, porque ela mesma já é uma aplicação técnica. Ela é uma projeção de um pensamento tido sobre um conjunto de possibilidades em que se achava que tal campo de fenômenos poderia manifestar. Isso já é técnica. Em que sentido isso pode ser objetivo? Nenhum. Mesmo que milhões e milhões de observações confirmem que é assim, isso jamais será objetivo. Porque isso não diz respeito à natureza e à conduta dos objetos, mas à simples possível reação deles a uma ação humana. Se foi o método que recortou os objetos, eles não existem objetivamente, mas são apenas um aspecto da realidade escolhido pela mente humana. Isso quer dizer que a totalidade do mundo descrito pela ciência não é objetivo de maneira alguma e não pode sê-lo, embora o que eu esteja dizendo não se aplique a todas as ciências, porque nem todas funcionam sempre assim, como, por exemplo, a ciência histórica e a geografia.

Algumas ciências contêm um aspecto descritivo enormemente desenvolvido e é nele que se introduz o elemento da objetividade, **[01:10]** porque, sendo assim, os aspectos serão descritos tal como eles se apresentam e não tal como foram selecionados. Se bem que existe em todos os casos uma seleção inicial que é dada na própria definição da ciência, no instante em que ela delimita o seu campo. Edumund Husserl dizia que, idealmente, a divisão dos campos entre as várias ciências e a definição do campo de cada uma deveria corresponder a aspectos objetivos da estrutura do real - ou seja, aos vários campos de observação das várias ciências deveriam corresponder outros tantos campos ontológicos, campos na estrutura do ser -, mas que isso era somente ideal, isso não acontecia. Aí entra o pior:

> "Em terceiro lugar, a unidade do real concreto no qual sabemos que existimos não é a mesma coisa que a unidade abstrata de um 'todo' tomado como objeto de teoria. Podemos fazer afirmações sobre o 'todo', mas sabemos que o todo do qual se fala não é o mesmo todo no qual se existe. Você acabou de fazer uma sentença geral sobre o todo? Onde você fez isso? Você fez isso dentro do todo. A sentença pode, ao mesmo tempo, dizer algo sobre a estrutura do todo e as condições da sua própria existência dentro todo? É impossível. A totalidade concreta transcende toda possibilidade de teorização pelo simples fato de que fazer teorias é algo que acontece 'dentro' do todo, não acima e fora dele. Portanto, mesmo que fosse possível existir uma concepção científica da totalidade universal, essa concepção abrangeria só uma parte ou aspecto da totalidade concreta, não a totalidade concreta enquanto tal. Ou seja: se o mundo corpóreo descrito pelas ciências é uma unidade, essa unidade é determinada pelas necessidades internas do método e não pela natureza objetiva das coisas. Isso é o mesmo que dizer: o mundo que as ciências descrevem é apenas um jogo intersubjetivo entre outros.
>
> Por fim, resta a obviedade de que, se a ciência não pode descrever o todo, não pode também descrever um só fato concreto, por mínimo que seja. Fato concreto é o fato tomado não na essência abstrata que o define - muito menos na definição meramente operacional da qual parte em geral a observação científica -, mas na totalidade ilimitada dos acidentes sem os quais não poderia produzir-se. Isso está absolutamente acima da capacidade de observação, seja de cada ciência em particular, seja de uma hipotética e utópica articulação de todas elas."

No entanto, o fato concreto está ao alcance de qualquer pessoa. Porque qualquer percepção de um fato concreto, por mais simplesinho que seja, ela não o fecha num conceito, mas está aberta para a infinidade de acidentes que concorreram para ele. Todo mundo sabe imediatamente disso. Por exemplo, você está dirigindo um carro e bate em outro. Você sabe que aquela pessoa veio de algum lugar. Isso não tem nada a ver com o acidente, mas você sabe disso. Você sabe que aquela pessoa tem um "eu", que assim como você tem uma opinião sobre o que aconteceu, ela também tem uma opinião. Então, a sua percepção do fato concreto está permanentemente aberta entre o que você já sabe da situação (o que está acessível à situação) e a infinidade dos acidentes que estão em volta, que concorreram para aquilo e aos quais você não pode prestar atenção em todos, mas sabe que estão ali. Nós sempre sabemos disso. Eu estou dando aula aqui nesta salinha, mas eu sei que para além dela existe alguma outra coisa - existe o prédio, existe o chão, existe a rua. A gente sabe tudo isso. Ou seja, a percepção comum e corrente sempre se refere a fatos concretos, e referir-se ao fato concreto significa estar consciente de uma totalidade ilimitada, inabarcável e presente sob a forma de tensão. Isso é perceber o fato concreto. Há alguma ciência que pode fazer isso? Nenhuma.

Para a ciência fazer isso seria preciso que a delimitação do seu objeto estivesse sempre sendo ameaçada por fatores acidentais não pertinentes àquela ciência. Por isso mesmo que a ciência faz a abstração da realidade concreta e pega somente aqueles objetos que estão ao alcance do seu método. Pegue-se todas as ciências que existem e se verá que cada uma delas tem um método, recortou um aspecto muito pequeno de uma certa categoria de objetos e está dizendo algo sobre ele, excluindo todos os seus acidentes. Se somar todas as ciências, você terá a inclusão de todos os acidentes? É impossível, porque isso seria o infinito quantitativo em ato. Mas o infinito quantitativo só pode ser apreendido em potência, e é por isso que quando se vê um fato qualquer você sabe que a infinidade de aspectos acidentais que está presente o está em potência, não é enumerável. Para que o conjunto das ciências pudesse abranger a totalidade do mundo concreto seria preciso ter o infinito quantitativo em ato, o que é absolutamente impossível. Portanto, existe alguma concepção científica do universo? Não existe nenhuma e qualquer uma que se apresente é sempre empulhação. Existe a concepção científica da totalidade do que a ciência conhece, a qual não coincide de maneira alguma com o universo real no qual nós vivemos, nem pode coincidir.

Então, no fundo, era isso que o nosso amigo Nilton Ribeiro estava percebendo nas entrelinhas do Aristóteles. Ele percebeu que os sentidos são descontinuidades e a forma inteligível é uma continuidade. Percebam a profundidade da tensão que esse problema oculta. É tudo isso que eu estou falando aqui. Notem bem que eu formulei o problema, mas não dei a solução dele e nem vou dá-la nessa aula. Para isso nós vamos ter de aguardar o próximo capítulo, como na novela. Aqui, a encrenca se formou, mas o seu desenlace só virá no capítulo seguinte. Ou seja, isso aqui é para exemplificar como se trata um problema filosófico. Essa carta do Nilton foi muito bem-vinda porque ela serviu muito bem de introdução exatamente para o que eu queria dizer nessa aula. É nessa maneira de identificar o problema com toda a sua

densidade real e articulando, ao mesmo tempo, a perfeição dos conceitos com a tensão entre eles e a realidade, é aí que está o rigor filosófico. Esse é o segredo dos grandes filósofos, é assim que eles trabalham. Isso não é toda a técnica filosófica, mas é, evidentemente, um aspecto importantíssimo dela, ainda que elementar.

Pois, muito bem, eu nunca vi na USP, jamais, um único sujeito que dominasse isso. Com isso aqui o Nilton já mostrou que tem mais capacidade do que todos os professores da USP, a não ser que haja alguém lá que seja capaz disso e eu não conheça. Mas daqueles que são os mais aparecidos - não só professores da USP, mas pessoas formadas pela mentalidade uspiana, como aquele nosso amigo Vladimir Safatle, de quem comentei outro dia -, esses caras são todos amadores, diletantes. Ou seja, é como diz o povo: "*so quem viu sabe quanto dói*". Eu sei o quanto dói um problema filosófico porque eu fiz o que o Nilton está fazendo. Eu peguei a *Metafísica* de Aristóteles e fui apanhando a cada linha - não apanhando para entender o texto, que é fácil de entender, **[1:20]** mas para dizer qual é a realidade efetiva que está por trás delas, a que realidades ele está se referindo -, porque quando eu captava a realidade, parecia que não conferia exatamente com o que ele estava dizendo, mas, ao mesmo tempo, também não desmentia. Em suma, surge um problema. Aprender filosofia é aprender a captar esses problemas na realidade e não nos textos.

[Intervalo]

Temos algumas perguntas pertinentes, mas, antes, o Tiago Tondinelli informa que não estudava na USP e sim na UFRJ. Pior ainda! Toda a mentalidade das faculdades de filosofia do Brasil foi moldada pela USP.

Aluno: Na última aula, o senhor comentou que o provável não é real, contudo, se tomarmos a definição de real como aquilo que se opõe ao nada, é certo que há gradações dentro da noção de realidade, a saber: o que pode vir a ser (provável) é um real "menos suficiente" do que o real efetivo. Nesse sentido, não seria mais apropriado dizer que o provável é um real com menos suficiência, não correspondendo, pois, ao conceito suficientemente concreto para dar a efetividade da certeza?

Olavo: De certo modo, sim, porém, nesse caso, seria mais certo falar de potência e não de probabilidade, afinal de contas, probabilidade é um cálculo que nós fazemos, é a avaliação de um potencial inerente a uma situação, enquanto que o potencial é uma realidade objetiva e como tal faz parte do real. Não esqueça o que eu disse a respeito do círculo de latência, que é conhecido ao mesmo tempo como probabilidade e por outro lado é real. Lembre-se do exemplo do cachorro: ao ver um cachorro deitado, eu sei que ele pode abanar o rabo, morder-me, latir ou não fazer nada, mas ele não pode sair voando. Isso é uma avaliação que eu estou fazendo, porém eu sei que todas essas ações possíveis são dele e não minhas, portanto, esse potencial – esse círculo de latência – está nele, mas eu não vou confundir o potencial que está nele com o conhecimento que eu tenho disso. Ou seja, a probabilidade reflete um conhecimento que nós temos e não a realidade da coisa. Por isso, seria melhor você usar a palavra potencial. Nesse sentido, é claro que ele faz parte do real e eu só digo que a probabilidade não é real porque ela é um cálculo nosso.

Aluno: Qual a relação que existe entre o que Freud chamava de inconsciente e o que Lavelle chama a presença do ser? Podemos anunciar para o Maracanã lotado: "Professor Olavo de carvalho informa: sai o inconsciente de Freud, entra a presença do ser de Lavelle"?

Olavo: É e não é assim. Em primeiro lugar, o doutor Freud, ao falar do inconsciente, não se referia a tudo que está inconsciente. Por exemplo, o mecanismo dos reflexos: não se sabe como a respiração funciona e, no entanto, respiramos. Isso seria um mecanismo inconsciente. Não é desse inconsciente de que fala Freud, ele distingue entre esse inconsciente natural e outro tipo de inconsciente – freudiano em particular – que ele diz nascer da repressão, ou seja, do conflito entre o *id, ego e superego.* O *ego* quer certas coisas porque é impelido a isso pelo *id*, e a outra parte do inconsciente, que é o *superego*, o proíbe de fazer aquilo. Com isso, o sujeito não pode pensar mais naquele negócio, mas ao mesmo tempo continua pensando. É esse material que vai sendo acumulado em uma lata de lixo chamada inconsciente. Portanto, a primeira diferença é que o inconsciente freudiano não é tudo o que nós ignoramos. Existe uma apostila que usei muitos anos atrás no curso, do Maurice Pradines, que se chama "Os Dois Inconscientes". Eu vou colocá-la no seminário, porque tenho a impressão de que ela seria útil para você esclarecer essa questão, que também deve estar na cabeça de muita gente.

Em segundo lugar, a presença do ser não é ignorada. Funcionalmente, você pode dizer que sai o inconsciente de Freud e entra a presença do ser. Muita coisa que o pessoal explica pelo inconsciente freudiano na verdade é a simples presença do ser, portanto, funcionalmente é assim, porém o inconsciente freudiano – caso ele exista, porque eu acho que ele só existe de vez em quando e nem todo mundo o tem - é apenas um dos muitos elementos inumeráveis que constituem a presença do ser. Note que eu apenas enunciei essa noção da presença do ser, dei o seu nome, mas não a explorei profundamente e nem o farei neste ano, apenas no segundo ano de Curso, quando estudaremos os textos do Lavelle.

Não há uma grande vantagem em tentar ler esses textos agora. Fiquem calmos, ninguém precisa saber tudo ao mesmo tempo. Ademais, quando surgem essas coisas, a pessoa fica com uma ansiedade tremenda de achar uma solução para o problema. Mas não é para fazer isso. O que deve ser feito é guardar o problema, guardar essa tensão por anos a fio e esperar que, gradativamente, a vida e o desenrolar dos seus estudos vão completando a equação até chegar a hora em que você enxerga a coisa com clareza. Criar um repertório desses problemas é o que dará o perfil da forma individual da sua inteligência.

A inteligência humana não passa disso, de um esquema determinado pelos vários pólos de interesse nos quais apareceram essas grandes questões. Vivenciar essas questões é o que dará, vamos dizer, um "poder hormonal" para a sua inteligência. A inteligência medíocre precisa de um estado de homeostase, ou seja, ela não quer pensar em absolutamente nada, não quer sofrer, não quer problemas; ela precisa de uma resposta rápida, qualquer uma

serve, qualquer besteira. Essa é a melhor maneira de você jamais ser um filósofo, porque este precisa guardar essas questões e ver que são preciosas porque elas alimentam essa tensão da busca do conhecimento. Mas, ao mesmo tempo, você não pode ficar nervoso por não obter uma resposta imediata, pois assim você não agüentará e logo se verá buscando a homeostase, o estado de repouso. Ou seja, pegará uma resposta qualquer e achará que deve ser isso. Só que, com isso, sua investigação filosófica acaba.

Um segundo erro é guardar a questão e ficar escarafunchando, mexendo sem parar. Com isso o que se está querendo é gerar, criar uma solução, o que não se deve fazer. Deve-se esperar e encontrar a solução, pois ela virá através da experiência da vida e do desenrolar dos seus estudos. É preciso esperar que as coisas mesmas lhe digam o que elas são, o que estão fazendo aí. Por isso, guarde essas questões, não as fique remexendo; não é uma investigação filosófica no sentido ativo, é uma longa convivência com essas tensões constitutivas da existência humana. Prestando um pouco de atenção você percebe que o problema existe, não somente para Aristóteles, mas para todos os seres humanos; todos têm a experiência desse problema, apenas não têm com a clareza com que Aristóteles está explicando. A marca distintiva do filósofo é que ele conviveu com esses problemas tempo suficiente para expressá-los em termos universalmente válidos **[1:30]**, e pôde estabelecer um efetivo diálogo da experiência interior dessas tensões. O mundo de experiências interiores de um Aristóteles é tão enormemente rico que não acaba. Ou seja, você percebe a grandeza de um filósofo pela multiplicidade e abrangência das tensões que ele percebeu.

Outro dia eu estava lendo o livro do David Berlinski, *The Devil`s Illusion* - que é uma resposta ao livro do Richard Dawkins, *The God Delusion -,* e fui ficando cada vez mais impressionado. Eu acho que o David Berlinski talvez seja o sujeito mais inteligente que existe no mundo. Por quê? Porque ele percebe tudo! Não há uma só palavra que ele simplesmente tenha pegado sua noção corrente e depois a jogado na página. Tudo foi percebido e vivenciado como um problema por um longo tempo. Esse sujeito está maravilhosamente acordado! Ele não é um filósofo e não pretende resolver nenhum daqueles problemas, ele apenas os colocou, mas com isso alcançou um estado intelectual que é o estado ideal do filósofo: estar acordado e ao mesmo tempo tranqüilo perante todos esses problemas. Ele sabe que não precisa alcançar a solução de todos eles, pois Deus a conhece, mas ao mesmo tempo ele a quer, não só por uma curiosidade pessoal, mas porque ele sabe que isso poderia aliviar muito sofrimento humano, dar aos seres humanos uma segurança maior perante o universo e assim por diante.

Portanto, é repetindo essa operação que o Nilton Ribeiro fez, repetindo-a uma vez, duas, mil, duas mil, milhares de vezes, é só assim que você vai criar seu repertório de problemas, que serão ao mesmo tempo os objetos da sua investigação filosófica e os temas da sua vida. Ou seja, são aqueles pontos de dificuldade aos quais você é sensível, de tal modo que a sua personalidade e a sua inteligência filosófica não serão duas coisas diferentes, mas exatamente a mesma coisa. Daí você não estará fingindo nem brincando de filosofia, você

será um filósofo, e essa será a diferença fundamental entre você e um professor de filosofia, um transmissor de cultura filosófica.

Aluno: Na aula de 18 de julho em que o senhor falava acerca do conhecimento intuitivo sugerido pelo experimento das cartas, foi dito que esse tipo de conhecimento não se prestava a uma expressão direta, sendo, no entanto, certo, e fonte de raciocínios que pudessem ser seguidos. Pergunto se essa forma de conhecimento tem algo a ver com o que diziam Edmund Husserl em Experiência e Juízo e Max Scheller acerca da consideração ante-predicativa da experiência e, em especial, sobre o que dizia este último sobre a objetividade dos valores. Além disso, é possível dizer que as avaliações éticas e estéticas, no que alcançam de objetividade e não mera projeção subjetiva, seriam por natureza inexpressáveis, semelhantemente ao que se deu com Max Friedlaender, no caso da oferta de uma escultura falsa a um museu, mencionada na mesma aula? Ou seja, somos incapazes de provar discursivamente por que uma conduta, um ato, um objeto artístico são louváveis ou deploráveis?

Olavo: O que eu disse a respeito com o experimento das cartas coincide parcialmente com o que Husserl e Scheller dizem da experiência ante-predicativa, que é aquela que não está ainda equacionada em afirmações – predicamento é a mesma coisa que juízo ou afirmação -, ou seja, nada está afirmado. Mas essa experiência é ante-predicativa somente do ponto de vista da mente reflexiva, porque na sua estrutura real ela está afirmando alguma coisa, só que de forma demasiado rápida para que seja apreendida e expressa em palavras. Se você tiver calma e paciência verá que muitas dessas experiências que são tremendamente rápidas e que parecem ser anti-predicativas podem ser apreendidas e expressadas em palavras. Nesse caso, já não são mais anti-predicativas. É como se dissesse: são ante-predicativas para uns, mas não para outros. Para a quase totalidade das pessoas é assim, aquilo passa num relance, está abaixo das suas inteligências reflexivas, mas se acalmar um pouco a inteligência reflexiva e esperar para ver o que ela já sabe, o que já foi percebido na realidade, o que a realidade está dizendo - em vez daquilo que você pretende dizer -, acaba-se dando voz e voto à realidade e essas percepções super rápidas acabam se tornando, por assim dizer, conscientes. Na verdade, o que faz um Aristóteles é precisamente isso.

É equivocado chamar os filósofos de pensadores – já escrevi um artigo dizendo: "*pensador é a mãe! De pensar morreu um burro!*" -, pois o problema não é pensar. Ao pensar se está criando frases, juízos etc., mas o que Aristóteles fez não foi isso. Ele não estava criando teorias ou montando frases, estava tentando perceber uma coisa como ela é e fazendo-a falar. Muitas vezes, a experiência mais concreta e mais direta só consegue ser expressa em termos abstratos altamente sofisticados, e é por isso que parece que foi um raciocínio montado, como em matemática, por exemplo. Mas não é isso, é uma percepção. O sujeito está apenas expressando o equivalente lógico daquela percepção. Se o talento dele não fosse filosófico, mas poético, ele exprimiria a experiência em símbolos poéticos. A coisa é difícil dos dois jeitos.

Quando você a lê em poesia, ela fica enigmática, mas para lê-la em filosofia você precisa aprender toda a terminologia técnica, o que é tão difícil que você precisa gastar anos prestando atenção nessas estruturas discursivas e, no fim, fica achando que criar essas estruturas é o próprio objeto da filosofia, quando não é. Filosofia é investigar o ser na sua realidade, na sua presença, e deixar que ele fale. Quando Aristóteles coloca esse problema aqui - dizendo ser mais difícil conhecer algo que está mais afastado dos sentidos, mas, ao mesmo tempo, diz que a forma inteligível não está dada fora e acima do objeto sensível, mas nele próprio -, isso parece uma contradição lógica, mas não é; é uma tensão que está presente no próprio objeto e no próprio processo cognitivo. Temos de dar graças a Deus por Aristóteles ter dito essas duas coisas, uma em uma aula e outra em outra aula. Se ele fosse brasileiro, imediatamente apareceriam quinhentos caras dizendo que ele estaria em contradição. Mas contradição lógica qualquer computador, macaco e até papagaio percebe. O problema é saber se ela é um erro ou se está expressando uma tensão real. Portanto, é ante-predicativa e não é.

Quanto ao segundo ponto, as avaliações éticas e estéticas, é exatamente a mesma coisa. Elas são inexpressáveis para pessoas que não tiveram a mesma experiência e não têm a capacidade de verbalizá-las no mesmo nível de quem as teve. Mas, para quem teve essas experiências, a coisa é altamente verbalizável. Nós não podemos transformar em um problema filosófico o que é apenas uma dificuldade empírica, uma dificuldade acidental. Por exemplo, duas pessoas, um Max Friedlaender e alguém tão experimentado e tão bom observador quanto ele **[1:40]**, olham um quadro e concordam em dizer que está artificial, está forçado. A pessoa que não tem essa capacidade de observação deles e não consegue fazer a ponte entre a percepção sensível do quadro e a expressão que eles estão dando à experiência estética que tiveram, vai achar que é apenas uma opinião. Ou seja, aquilo que, para quem está enfronhado no negócio, é percepção imediata, para o outro é apenas uma opinião, um tecido verbal separado da realidade sensível. É por isso que jamais podemos ter a ilusão de que todo mundo vai nos compreender. Eu sou um profissional em ser incompreendido, eu vivo disso. Eu dou aula para treinar as pessoas para que elas compreendam o que eu estou dizendo. Se você não foi meu aluno e não estudou todas essas coisas, não teve paciência e não fez essa experiência - como o Nilton Ribeiro fez -, ou se você não adquiriu essa experiência em outro lugar, não aprendeu sozinho ou com outro professor, então você não vai entender o que eu estou falando.

Outro dia alguém me mandou a gravação do Orlando Fedelli dizendo que eu sou um perigoso gnóstico etc. Pensei: *“Meu Deus do céu, lá vem ele de novo!”* Mas é muito simples compreender por que ele pensa assim. O que é o senhor Orlando Fedelli? Ele é um pregador, um transmissor da doutrina da Igreja, que é constituída das conclusões de longos debates procedidos nos concílios entre os grandes teólogos, santos, padres da igreja etc. Com o desencadeamento daquelas conclusões obteve-se a doutrina da Igreja, a qual, portanto, é feita todinha de conclusões. No livro *Inquiridium,* do Denziger, que é o resumo da doutrina católica, há milhares de conclusões: número 1, 2, 3, 4... Você não tem a menor ideia donde saiu aquilo e o rolo que foi para chegar a essas conclusões. Agora, se o Denziger não desse a doutrina católica, mas fosse

contar a história de todas as discussões, então, meu filho, ele teria de pegar toda a patrística grega, latina, todas as obra de São Tomás de Aquino, Santa Teresa etc., e encadear tudo, o que daria uns cem mil volumes. Por isso, a doutrina da Igreja está só nas conclusões dessas discussões. O Fedelli é um cara que treinou para ensinar essa doutrina da Igreja e o faz muito bem, tem altos méritos nisso e eu jamais falaria mal dele por causa disso. Acho que é um católico sincero que está ensinando a doutrina da Igreja, mas o problema é que ele não tem capacidade para perceber a problemática filosófica da coisa; não pode perceber, pois está acostumado a raciocinar dentro do certo. Mas eu estou acostumado a transitar entre milhões de coisas que são duvidosas, nebulosas, e cujas conclusões eu não sei; esse é o meu treinamento. Como nós vamos lidar com coisas que não sabemos, isso é a filosofia. Por isso, quando o Fedelli se mete a ler textos filosóficos faz uma confusão dos diabos, porque ele interpreta cada frase como se fosse uma conclusão.

Imagine o seguinte: um cara que não conhecesse e fosse ler a *Suma Teológica*, na qual São Tomás de Aquino levanta uma pergunta e uma hipótese. Por exemplo: Jesus Cristo ressuscitou? Hipótese: parece que não, porque tem isto e mais aquilo; daí São Tomás explica e argumenta em favor de todas as coisas que são contra a hipótese da ressurreição de Nosso Senhor Jesus Cristo, fazendo depois o mesmo em favor dessa hipótese. Portanto, é uma leitura que deve ser feita aos poucos, linha por linha, e não o capítulo inteiro de uma vez. Só que esse cara não faz isso, faz como o Fedelli, pega um parágrafo lá do meio e diz: "*Olhe aqui! São Tomás de Aquino está negando que Jesus Cristo ressuscitou!*" Não, meu filho! Ele está no processo dialético da descoberta do negócio. Cada capítulo da *Suma Teológica* já é suficientemente complicado em si mesmo e o processo real pelo qual se chegou a isso foi muito mais complicado. Portanto, se você não tem o equipamento intelectual e humano necessário para lidar com todas essas ambigüidades e dificuldades do processo dialético, é melhor não se meter em questões filosóficas, afinal, ninguém é obrigado a ser filósofo.

Mas o que vai fazer o doutrinário, o pregador, o apologeta da religião, como o Fedelli? Vai ler o texto e verificar se está de acordo com a doutrina da Igreja ou não: se está, ele aprova; se não está, ele desaprova. É até bom que alguém faça isso para avisar as pessoas, como, por exemplo, o Fedelli fez com o René Guénon. Ele leu, disse que estava errado, que era gnóstico e, portanto, o condenou. Ótimo, mas o problema é o seguinte: como lidar filosoficamente com essas questões? Eu tenho de fazer minhas as hipóteses do Guenon, mesmo que ele esteja errado; eu tenho de verificar o fundamento da possibilidade do erro. Ou seja, eu tenho de dizer por que ele chegou ao erro, não basta simplesmente dizer que está errado. O Orlando Fedelli é como um médico que ao atender o paciente lhe diz que está doente. Ora, mas isso o doente já sabe, é por isso que ele foi ao médico! O que ele quer saber é o que precisamente está acontecendo com ele.

O processo de investigação filosófica implica uma série de meandros dialéticos, coisas dificílimas, no qual você está fazendo a abstração da questão do certo e errado finais. Está simplesmente acompanhando a experiência intelectual ou espiritual do outro e vendo todos os meandros dela. O Fedelli não tem essa

capacidade, não estudou para fazer isso. Não tenho nada contra o que ele faz, acho maravilhoso. É um excelente pregador, grande defensor da Igreja, grande batalhador – Deus há de premiá-lo pelos seus esforços – e o acho uma pessoa boa, um homem de bom coração, mas não é um filósofo, não tem capacidade para lidar com isso. Quem precisa de uma certeza imediata e já vai direto no dogma da Igreja - lidando com cada sentença como se fosse uma conclusão e não uma etapa de uma investigação dialética - não vai entender nada; só vai entender se está ou não de acordo com a doutrina – e se não estiver se afastará disso. Sem dúvida, isso é uma atividade importante, mas se você não quer arriscar a sua mente, você não pode estudar filosofia. Pergunte ao padre o que é certo e errado, ele lhe responde e você segue.

Só que, procurando na patrística grega e latina, você encontrará uma infinidade de erros! E às vezes prosseguiram nesses erros por séculos, até que um Concílio ou um Papa fecharam a questão. Lendo só a doutrina final você terá um conjunto organizado das certezas que constituem a doutrina da Igreja, mas não entenderá qual é o problema e provavelmente não entenderá de quê a Igreja está falando. Ou seja, você terá um conhecimento suficiente para a sua prática religiosa, mas será uma coisa meramente pessoal. Se você quiser que isso tenha uma relevância cultural maior, será necessário passar por todas as etapas de dúvida, perplexidade etc., que é o que eu sempre me permiti fazer, porque esta é a minha vocação e eu gosto disso. Se o sujeito levanta um problema e me traz a solução final expressa em uma linguagem dogmática, eu não me conformo com isso, porque a linguagem dogmática não te explica nada. **[1:50]** É como usar uma calculadora: ela pode te dar o resultado certo, mas você não sabe fazer a conta; você obtém o resultado certo mas não aprendeu matemática. Se você quer só a doutrina da Igreja, você quer o resultado da conta; assim você não vai aprender matemática, meu filho!

O que o Orlando Fedelli fez? Ele aprendeu de cor todos os resultados certos e os repete – e alguém tem de fazer isso, é altamente meritório e precisa ser muito inteligente para fazê-lo. Por exemplo, quando ele vai lidar com René Guénon, o quê ele pode dizer? Pode condenar Guénon, chamá-lo de gnóstico maldito, dizer para as pessoas fugirem disso. Mas se ele não consegue dizer nada de substantivo é porque ele não compreende o que René Guénon está fazendo. Eu só conheço um sujeito em todo o universo que levantou uma objeção fundamental contra toda a doutrina do Guénon: eu mesmo! Levantei umas duas ou três das quais não há escapatória. Isso é falso mesmo, não tem jeito! Ele pode levantar do túmulo e discutir comigo que eu direi: aqui, não é que você errou, você está com treta! Eu tenho certeza absoluta disso, pois é facilmente demonstrável. Isso quer dizer que eu estou eternamente vacinado contra René Guénon. Posso aproveitar tudo de bom que ele tem, sem me contaminar pelo resto. Ou seja, o que eu aprendi dele me fortalece e aquela parte que pode ser perigosa, danosa, já está sob controle.

O Orlando Fedelli pode fazer isso? Não, não pode. Só o que ele pode é dizer: fujam! Porque o Guénon é um adversário perigoso e forte demais para ele, então ele mantém distância: "*Isso é gnóstico, fujam disso!*". Mas eu não sou um amador, sou um profissional. Eu posso entrar dentro da toca do leão, mexer e saber o que estou fazendo. Eu estudei para isso. Não quero saber se o sujeito

está certo ou errado – claro que no fim eu quero saber -, mas, ainda que seja um erro monstruoso, o que eu quero saber é como ele foi construído e qual a possibilidade de que o mesmo aconteça a mim ou a qualquer outra pessoa que se meta lá. Ou seja, qual é o fundamento, qual é a raiz que esse erro tem, na verdade? Discutir com o René Guénon não é coisa para criança, é coisa para um profissional – e eu sou um profissional neste campo e o Fedelli não é. Então, é este o problema.

Não estou zangado com o Fedelli, de maneira alguma. Ele pode achar que eu sou um gnóstico que está tudo bem, legal, o médico mandou não contrariar. Não vamos brigar por causa disso. Mas eu sei o seguinte: ele não está entendendo absolutamente nada e por isso o melhor seria ficar quieto num canto. Ao menos o Fedelli ainda tem a desculpa de fazer isso para defender a sua fé, mas e esse pessoal da USP que o faz para defender socialismo, defender porcaria ou a sua própria vaidade? Esses não têm desculpa, não, esses têm de apanhar!

Mas, voltando à pergunta, os juízos de ordem estética ou moral podem ser demonstrados, mas não a qualquer um, porque a demonstração depende de duas coisas: conhecimento dos fatos e a dedução lógica feita a partir desse conhecimento. No caso estético ou moral, as deduções lógicas são muito fáceis de acompanhar, o difícil é conhecer os fatos, porque isso é uma questão de percepção. Por isso, para uns os fatos são óbvios, enquanto para outros eles nem existem. Ou seja, há um problema de nível de percepção. Por exemplo, eu conheço a vida de milhares de pessoas, sempre tive muito interesse biográfico, gosto de saber de onde as pessoas vieram, pelo que elas passaram, quais são suas experiências fundamentais etc. Por conta disso eu acabo pegando sempre certas constantes, certas linhas de desenvolvimento que estão na vida da pessoa que às vezes nem ela percebeu! Nesse caso, se eu emitir uma conclusão sobre isso eu poderei até chocar essa pessoa, porque ela não saberá do que eu estou falando, vai achar que eu não a estou compreendendo. Mas a realidade é que eu compreendi uma coisa da vida dela que ela nunca compreendeu. Por quê? Porque eu sou um profissional da área, estou acostumado a observar essas coisas e ela não; ela está sendo avisada disso pela primeira vez. Ou seja, ela nunca observou a sua própria vida, nunca contou sua própria história para si mesma e é a primeira vez que a está conhecendo.

Portanto, experiência acumulada, nível de percepção, abertura, sensibilidade: tudo isso é decisivo e não há nenhum conhecimento que possa prescindir disso. Por isso que não dá para dizer que uma coisa está cientificamente provada por experiência; porque a cadeia de deduções existente entre os fatos que a teoria científica alega e a conclusão que ela tira é tão enormemente complicada, e depende de tantos outros fatos, que essa conclusão será sempre mais ou menos vacilante. Daí porque eu não acredito que um juízo estético seja, nesse sentido, menos preciso, verdadeiro ou exato que um juízo científico. A diferença é que ele depende mais de fatos do que de dedução, e com o juízo científico ocorre o contrário: às vezes, com um punhadinho de fatos, criam-se cadeias de dedução enormes. Ou seja, apenas a dificuldade é diferente num caso e no outro.

Aluno: Professor, parabéns pela aula. A doutrina louca do Richard Rorty pode convencer muitas pessoas inteligentes do mundo acadêmico devido à pressão do grupo, como no caso da legitimidade do prêmio Nobel do Obama?

Olavo: Pode, claro que pode. Aliás, não só pode, como é assim. Aqui nos EUA, onde predomina esse tipo de pensamento, como o de Willard Quine e Richard Rorty, se você vai contra isso, você pode danar sua carreira acadêmica. Os camaradas não querem nem começar a ouvir uma objeção. Portanto, quem quiser fazer carreira como professor de filosofia nos EUA, terá de engolir essa porcaria. É claro que é uma porcaria de nível muito mais alto do que aquela que se consome no Brasil, onde o que é transmitido é de um primarismo atroz. Mas, aqui, isso não é primarismo, é uma loucura altamente sofisticada, e leva anos para contraí-la. Willard Quine tem obras de lógica muito importantes, não é um vagabundo qualquer. Essa gente não é satanista, mas satanólogos profissionais. Alguma coisa sempre se ganha estudando essas coisas, mas não as estude por muito tempo, pois pode viciar.

Mas essa coisa da pressão do grupo existe em todas as ciências e sem ela não dá pra fazer ciência nenhuma, porque sem isso todos os problemas estariam em discussão o tempo todo - o que seria o certo, mas, nesse caso, a autoridade pública da ciência iria para o brejo. Eu acho que a ciência só pode ser fiel a sua vocação do conhecimento experimental se ela abdicar de toda autoridade pública. Se o próprio da ciência é a investigação e a autocrítica permanente, nenhuma conclusão que ela emita pode ter autoridade, jamais, nunca. Qualquer coisa que um cientista diz vem sempre acompanhada de algo assim: "*Parece que é assim, mas amanhã pode se provar o contrário.*" Só que isso é o que eles dizem, mas na prática acabam proclamando as suas conclusões como se tivessem autoridade pública, as quais são usadas como fundamento retórico para justificar a criação de leis.

Por exemplo, essa maldita vacinação obrigatória para a gripe suína (no estado de Nova York é obrigatório, quem não aceita tomar a vacina, perde o emprego; em outros, ainda não é, mas tem cara querendo impor isso no país inteiro.) tem mil e um efeitos letais possíveis, mas o que foi que fizeram? **[2:00]** Inventaram uma lei eximindo os fabricantes das vacinas de qualquer responsabilidade legal por qualquer efeito colateral, até mesmo letal, que a vacina possa ter. Ou seja, se você morrer a sua família não pode processar nem o Estado nem o fabricante da vacina. Isso é a mesma coisa que a "licença para matar" do 007. O que é isso? É o abuso da autoridade científica.

Na realidade, a autoridade científica, em si, já é abuso. A ciência só é séria quando ela não tem autoridade nenhuma. Por isso eu estou dizendo que o que estou fazendo aqui é sério, porque eu não tenho autoridade nenhuma para dizer nada. Ninguém é obrigado a aceitar nenhuma das minhas conclusões. Eu só estou ensinando como se faz, como é que se chega lá. Fora disso, se eu provar bem provadinho, você poderá até aceitar o que eu estou dizendo, mas se fizer isso só porque fui eu quem disse você me decepcionará. Não é isso o que eu quero de vocês. Quem aceita só porque fui eu quem disse está me ouvindo como se eu fosse Orlando Fedelli. Mas eu não estudei tudo isso para

virar Orlando Fedelli quando crescesse, não é? Eu podia ser Orlando Fedelli aos quinze anos, agora eu cresci um pouco mais.

Aluno: Poderia comentar sobre o último parágrafo da segunda parte do texto "Unidade e Percepção"? O correto é 'poder de PREENSÃO sobre a realidade', tal como está, ou é 'poder de APREENSÃO sobre a realidade'? Pois preensão e apreensão têm significados diversos.

Olavo: Eu usei preensão de propósito, porque é um termo que se usa em filosofia: "*aquilo que tem preensão sobre a realidade*". A palavra conceito vem da raiz latina *consepio; sepio* quer dizer prender, agarrar. Em alemão, conceito se diz *begriff,* do verbo *greifen,* que quer dizer agarrar, com garras. Quando se quer acentuar que um conceito domina a realidade sobre a qual ele versa, pode-se usar a palavra preensão, que é mais do que uma apreensão. Portanto, usei de propósito. No vocabulário atual brasileiro isso talvez seja inusitado, mas filosoficamente não é. Por exemplo, em francês, eles dizem "*cela n'a pas de prise sur la réalité" (*isso não tem poder de preensão sobre a realidade). Usa-se muito essa palavra em francês.

Aluno: Professor, estamos formando agora um grupo de estudos em Cuiabá e queremos saber de algumas orientações para a melhor dinâmica de estudos em grupo.

Olavo: Isso eu não vou poder dar aqui, porque eu precisaria conversar com vocês e ver exatamente quais são as necessidades do grupo, quais são os planos etc. Eu já avisei que eu vou abrir aqui no Seminário uma sessão para consultas individuais. Estou só estudando como equacionar isso, porque isso aí come muito tempo e eu vou ter de inventar uma fórmula para dar certo. Quando eu a inventar eu aviso aqui; daí você entra em contato comigo por essa via.

Aluno: Estamos em grupo vendo a aula em São Paulo. (...)

Olavo: Muito bem, é muito bom assistir isso aqui em grupo, muito bom.

Aluno: (...) Transmito aqui a pergunta de outro aluno. Há relação entre o que o senhor está falando – a tensão entre os universais e a percepção sensível – e a distância que existe entre a situação concreta e a regra moral universal da qual fala S. Tomás de Aquino?

Olavo: É exatamente a mesma coisa transposta em termos de filosofia moral. Você sabe a regra universal que deve ser seguida - por exemplo, a regra de não matar, não roubar etc. -, mas como saber se a situação específica, concreta, particular, que você está vivendo neste momento, como saber se ela se enquadra na regra universal? Você não sabe; na verdade, você nunca sabe. Isso quer dizer que o conhecimento da regra moral não é suficiente, é preciso desenvolver uma inteligência moral para fazer a ponte entre as duas coisas. Isso aí é feito aonde? Na imaginação.

É por isso mesmo que no curso de Ética que eu dei lá na Universidade Católica do Paraná, em 2001, eu disse que sou contra ficar ensinando regras morais. Por exemplo, para crianças, devem-se criar situações nas quais elas possam desenvolver a sensibilidade moral para perceber a situação corretamente, saber captar qual é a forma inteligível que está dada ali e com isso consigam perceber a regra universal que deve ser aplicada no particular. Eu fiz isso com os meus filhos desde pequenos, os deixando fazer de tudo. Eu acho que não caprichei muito na parte intelectual da educação deles, mas nessa parte moral quem os conhece vê que são pessoas de muito bom coração e inclinadas a fazer o que é o bem e o certo. Eu não vou dizer que eles não sabem nenhuma regra moral, mas eles só são assim porque eu acentuava, nas várias situações, o que eles tinham de perceber, do que se tratava. Muitas vezes eles vinham me pedir para explicar uma situação para eles, daí eu explicava e tornava aquilo mais fácil deles perceberem, de modo que notassem o que tinham de fazer.

Uma das coisas mais bonitas da sociedade americana é a preocupação que as pessoas têm de fazer o que é certo: "*do the right thing*". Eles querem realmente fazer o que é o certo. Freqüentemente não sabem o que é o certo e fazem tudo errado, mas eles têm essa preocupação, sabem que existe um certo a ser alcançado e que não é fácil alcançá-lo, ainda que se tenha uma receita disso, pois todas as situações humanas são enormemente complexas e ambíguas. Ou seja, a receita de um remédio é uma coisa e a sua fabricação é outra. Portanto, em termos de filosofia moral, esse é o equivalente do problema que eu estava falando aqui.

Aluno: Professor, o curso está cada vez melhor. (...)

Olavo: Obrigado.

Aluno: (...) A única coisa ruim é que desde que comecei esse curso o meu mestrado vem se tornando algo quase que insuportável. (...)

Olavo: Bata nos seus professores. Humilhe-os. Estude, estude, estude, estude, depois vai lá, mostra que sabe mais do que eles e os manda calar a boca.

Aluno: (...) Por que o senhor disse que Deus é a condição de possibilidade do nosso horizonte de consciência?

Olavo: Bem, eu não disse exatamente isso. Quando se fala em Deus é comum entender isso no sentido religioso, quer dizer, de uma crença. Mas eu não estou falando do Deus da crença, estou falando do Deus de verdade, do Deus que age mesmo que você não tenha crença Nele. Na hora em que você percebe a presença Dele, essa presença te abarca de tal modo que você se dá conta que você existe dentro Dele. Por isso mesmo Ele não pode ser conhecido nem como um objeto de crença, nem como um objeto de percepção, nem como conceito, nem como coisa nenhuma.

Para entender isso melhor, eu sugiro que você faça a experiência mais simples que é a de conhecer qualquer pessoa. Por exemplo, pegue uma pessoa que

você goste, que seja próxima, e se pergunte se você a conhece como um objeto. Não, porque se fosse um objeto você teria uma definição dela, fecharia nessa definição e poderia manipulá-la à vontade. Mas não é assim que você a conhece, pois o conhecimento que você tem de uma pessoa está aberto para aquilo que vem dela. Ainda que você ache que a conhece bem, essa pessoa é perfeitamente capaz de surpresas, de fazer alguma coisa que não estava no programa. Ainda assim, faça o que fizer, isso misteriosamente parecerá harmônico com o que ela fez antes. Portanto, você sabe que **[2:10]** não controla a situação de conhecer uma pessoa. Logo, com Deus, você controla menos ainda - até porque Ele sabe muito mais do que você.

Como é que nós nos relacionamos com esse "objeto" infinito, onipotente, infinitamente amoroso, infinitamente bom etc.? Eu só conheço um jeito, e esse jeito eu o pratico: eu me reduzo ao que tenho de menorzinho, até desisto de ser o que eu sou, eu abro mão disso e digo para Deus: "*é Você que está me fazendo, é Você que sabe o que eu vou ser, é Você que sabe tudo!*" Daí se pode perceber a ação de Deus sobre você. É nessa hora que se entende que a sua consciência, tomada como um poder que você tem, é uma coisa que você jamais poderia dar para si mesmo. Portanto, isso é uma questão de experiência e eu espero que todos vocês a tenham no decorrer deste curso. Notem bem que o que eu estou dizendo aqui não é uma teoria - eu tenho a teoria também, mas não vou dá-la agora porque ela faz parte do ensino formal de filosofia, o que nós vamos pegar mais tarde.

Nesse momento, o que eu posso dizer é o seguinte: existe um conhecimento experimental disso, de se perceber como Deus está fazendo você e, ao mesmo tempo, o aumentando. É um negócio incrível. São coisas que você pode perceber e receber, mas não pode fazer. Por exemplo, o cantor lírico Jerome Hines conta nas suas memórias que teve uma visão de Jesus Cristo quando já era um cantor de certo sucesso (mas ele era novo ainda), e passou o resto de sua vida conversando com Ele. Antes de fazer qualquer coisa ele colocava o problema para Jesus Cristo e aí fazia o que Ele mandava. Ele conta que a primeira experiência foi de uma pressão, uma compressão, como se um peso formidável o reduzisse a absolutamente nada. Ou seja, ele descreve isso em termos de uma experiência sensível.

Eu nunca tive isso aí, mas eu faço freqüentemente uma experiência que parte daquele negócio do Hegel, de que uma das capacidades da mente humana é fazer abstração de tudo como se só ela própria existisse. Ou seja, sumiu tudo, só tenho eu aqui, eu não estou vendo nada, eu não estou sabendo de nada, a minha ignorância é total, a minha nulidade é absolutamente completa. Entretanto, aí eu percebo que tem alguma coisa que sobrou do lado de lá, uma coisa que age sobre mim e que é quem me faz ser alguma coisa, porque eu próprio já me reduzi à condição de nada. Eu não sei se eu estou sabendo explicar exatamente o que é isso aqui, mas vou dar outro exemplo: a confissão dos seus pecados faz parte disso. Para tanto, você tem de saber os seus pecados, e de tal modo que você tem de reconhecer que não dá nem para aparecer no confessionário, que seria melhor se jogar dentro da privada por ser uma porcaria tão grande, um lixo mesmo. Aí você chega ao mesmo ponto a que me referi acima.

Com isso você percebe que não sabe coisíssima nenhuma. Nem o controle do seu próprio cérebro você tem - você pode ficar gagá daqui a dois minutos e esquecer tudo. Eu não tenho controle da minha memória, você tem? Foi você que fez a sua memória? É você que a mantém? Mas, se perdê-la agora, como é que faz? Faça um experimento de imaginar um desastre universal. Sumiu tudo, até sua memória, a sua identidade, e, no entanto, você permanece aí, acordado. Sua insignificância não é só do ponto de vista moral, isso é só o começo história; além dela, meu filho, tem a sua insignificância cognitiva: você acha que sabe alguma coisa, mas não sabe é nada, porque você não é nem capaz de assegurar que terá memória daqui a um segundo.

Depois disso ainda tem a sua insignificância ontológica, porque você não sabe como você entrou na existência nem como sairá dela. Você não sabe nada, está entendendo? Nada mesmo! É nessa hora em que você reconhece esse nada que você está na realidade. Finalmente, pela primeira vez, você está sabendo alguma coisa verdadeira. Aí você vê que tem Algo que constituiu você, que o criou e que o mantém na existência. Este Algo não pode ser um mecanismo natural, a natureza não pode fazer isso. É aí que Deus infunde conhecimento em você. Aliás, não é nem conhecimento, Ele infunde inteligência, infunde capacidade, infunde força. Mas essa força nunca será sua, ela apenas passa por você, só fica em você dois minutos. Porque Deus quer assim, não é você que faz isso. Esse experimento não é controlável. Ou seja, você não tem poder nenhum sobre o experimento.

Agora, assim como eu, milhões de pessoas tiveram esse experimento - milhões e milhões e milhões e milhões. Você tem os depoimentos que foram deixados sobre isso, alguns em linguagem teológica, outros em linguagem filosófica, outros em linguagem poética, mas tem milhões de pessoas confirmando isso aí. Então, se você quer alguma coisa que esteja universalmente confirmada, é isso! Os experimentos científicos que mais foram repetidos são os da física quântica. Mas, quantos são? Alguns milhares. Mas isso que eu estou falando não são milhares, são milhões.

Bem, eu vou deixar essas perguntas para depois. Acho que por hoje é só. Muito obrigado e até a semana que vem.

Transcrição realizada por: Rodrigo Fernandez Peret Diniz, Eduardo Queiroz, Cynthia Leite, Leonardo Torres, Maurício Doval, Klauss P. Tofanetto
Revisão: Francisco Escorsim, 02/06/2010 [foescorsim@gmail.com]